

RECANTO DE SAUDADES

LEODEGÁRIO AMARANTE DE AZEVEDO FILHO EM POUCAS PALAVRAS, COM ADMIRAÇÃO E AMIZADE, RIMA FÁCIL E SAUDADE

Helena Ferreira

Tenho certeza de que quem o conheceu, tanto na seara da pesquisa e da docência quanto no cotidiano do trato e da convivência, jamais dissociará sua figura de três nobres sentimentos que ora sublinho: admiração, amizade e saudade.

Cercado de coincidências etimológicas e toponímicas, ele carregava Portugal no coração e, em especial, sua literatura na alma. Respectivamente luso e galego os sobrenomes Amarante e Azevedo, mas de origem germânica o prenome – de leut, povo, e gari, lança: que combate pelo povo – mestre Leodegário, mesmo diante das viagens linguísticas que seu nome de batismo realizou, só admitia lutar em prol da filologia e da literatura, suas lanças inseparáveis.

Amarante, casta de uva preta tão comum à Bairrada, a região produtora de vinho que mapeia Aveiro e Coimbra, sem falar de sua importância com vila e cabeça de concelho no distrito do Porto, igual nome da cidade que abriga a Universidade Fernando Pessoa, onde recentemente recebeu o título de professor honoris causa. (A propósito, um sobrenome tão altissonante e com inúmeros significados – nem todos aqui assinalados – ficou, em seus escritos, reduzido a uma simples abreviatura: A. ou, às vezes, ao desaparecimento total, talvez por economia de espaço impresso...)

A Camões, sobretudo à sua lírica, dedicou, prática e ingentemente, todo seu labor ensaístico. Descobriu grande parte de seus problemas autorais e textuais e acertou todos os caminhos dessa paixão. Mostrou-se percuciente nas abordagens sobre Pedro Meogo, Padre José de Anchieta, Bocage, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Tasso da Silveira, Clarice Lispector e tantos outros emblemas literários.

E seu devotamento à preparação de congressos de língua e literatura que semeou durante décadas? Frutos sem-fim todos sabem que ele colheu. Pena que não se verá mais esse abnegado contumaz à cata de patrocínio para realizá-los.

Uma vida fadada ao estudo profundo da literatura, ao pleno exercício da lida acadêmica, quer no Brasil – mais precisamente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, por onde foi eleito professor-emérito, e na Universidade Federal do Rio de Janeiro no Brasil, nascente de nosso conhecimento, memória de nossa amizade – quer alhures, sobretudo na Galiza e em Colônia.

Não devo estender-me pelo simples fato de ter usado a expressão “em poucas palavras”. Entretanto, não resisto a reproduzir as palavras do velho amigo que se foi na dedicatória Sumarina, mais um opúsculo primoroso de sua autoria. Ele o qualificou de ficção-ensaio, depois, conto:

Para a queridíssima Helena Ferreira, esta tentativa de ficção-ensaio, em ho-

menagem à memória de Clarice Lispector e Vergílio Ferreira, dois amigos que se foram para o tempo da eternidade. Gostaria de receber sua opinião sobre o texto, pedindo a sua atenção para a última frase do conto. Abraços do velho amigo, fielmente seu! (as.) Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio, 2003.

Leodegário, você também foi para o tempo da eternidade. Permita-me parafrasear o poeta: Mas como dói!

A gratidão e a saudade de Helena Ferreira.

Real Gabinete Português de Leitura

Fundado em 14 de maio de 1837. Entidade Filantrópica de Fins Culturais, Biblioteca e Centro de Estudos.